

A FÉ CRISTÃ E O MUNDO

Aula inaugural dando início às atividades da Faculdade Metodista de Teologia, no dia 2 de março de 1971, proferida pelo Rev. João Parahyba Daronch da Silva.

“Um tempo em que qualquer um reconhecerá que tudo se orienta pela conquista da terra antes que do Reino dos Céus; um tempo em que o esquecimento de Deus é habitual e parece, sem razão, sugerido pelo progresso científico; um tempo em que o ato fundamental da personalidade humana, mais consciente de si e de sua liberdade, tende a pronunciar-se em favor da autonomia absoluta do homem, desligando-se totalmente de qualquer lei ou ordem transcendente; um tempo em que o laicismo aparece como a consequência legítima do pensamento moderno e a mais alta filosofia da ordem temporal da sociedade; um tempo em que as expressões do espírito alcançam cumes de irracionalidade e de desolação; um tempo, finalmente, que registra mesmo nas grandes religiões étnicas do mundo perturbações e retrocessos jamais experimentados”.

Este é o polo ao qual se dirige o mundo de hoje: para o homem, para o reino de homem neste universo. Luta-se pelo desenvolvimento e pelo progresso, busca-se justiça e anseia-se pela paz. Trata-se de uma justiça, de uma paz e de um progresso medidos pelo próprio homem, centralizados no homem e neste mundo.

I — A SIGNIFICAÇÃO

Textos - Marcos 2:18-22; Mateus 9:14-17; Lucas 5:33-39; Isaías 58:3-12; Hebreus 1:1-2; 11:1-40.

Nos textos dos evangelhos aqui mencionados temos as parábolas do pano e do vinho. São textos que nos dão a noção de duas classes de "tempo". Com essas parábolas Jesus nos mostra duas realidades de uma só vez, que nos ajudam a compreender a relação entre a fé e o mundo:

— O novo mundo, que começa com Ele, é tão novo que não pode ser combinado com o velho; ao contrário, rompe com ele.

— O velho mundo, que tem imperado até Cristo, torna-se tão velho, tão débil e que carece de valor, perde o significado.

1 — **A imagem do pano novo:** O que é que Jesus nos comunica com essa imagem na parábola? Deus está criando um novo mundo. O velho se encontra no processo de decadência, de esvaziamento. Deus dispõe eternamente de sua própria criação: "No princípio, Senhor, lançaste os fundamentos da terra, e os céus são obras das tuas mãos; eles perecerão; tal como um manto, os enrolas, como vestidos serão igualmente mudados, tu, porém, permaneces, pois tu és o mesmo... (Hebreus 1.11-12). Vemos o que aconteceu? Deus fez um pano novo. Não se satisfaz em remendar o velho. Portanto, nós não podemos pensar no novo como um simples remendo do velho.

2 — **A imagem do vinho novo:** O que é que nos comunica essa imagem? Deus

tem permitido que o tempo da salvação amanheça. Freqüentemente, o vinho era o símbolo utilizado para referir-se a esse tempo. Por exemplo, Noé, tão logo se sente salvo do dilúvio, saindo da arca, semeia videiras (Gên. 9:20). De igual maneira, Jesus, imediatamente antes de sua morte, usa o vinho como sinal do novo pacto (Marcos 14:22-25). Podemos notar quão revolucionário é o novo tempo, o novo mundo? É como vinho novo que fermenta e que somente pode ser contido por "odres novos". Podemos perceber aí como são débeis os nossos instrumentos, quão frágeis são os nossos "odres": as antigas estruturas de nossas vidas, nossas idéias sobre Deus e sobre sua criação, as ordens que obedecemos, os sistemas e costumes aos quais ficamos ligados na sociedade. São como odres velhos, rôtos e rompidos. Tudo pertence a um tempo que chegou ao seu final em Cristo, e portanto, deve perecer.

Ao meditar devidamente nessas parábolas nos surgem algumas indagações de muita importância. Vejamos apenas:

A) A percebemos realmente, do fato de que o Evangelho a Boa Nova — marca o começo de uma época totalmente nova? Constantemente corremos o perigo de nos utilizarmos de Cristo como um remendo, como algo de que necessitamos para reparar alguns danos que recebemos. Ele é apenas isso para nós e para a Igreja? Tentamos fazer com que ele gire em torno do nosso velho mundo, ou giramos nós em torno dele e ao redor do seu novo mundo? Aprofundemos um pouco mais essa questão:

— **Cristo cria um mundo de amor:** Vivemos tão plenamente dentro do seu

mundo que sua mensagem nos capacita a sobrepujar as separações e os critérios de divisão entre os homens, transpondo as barreiras escravizadoras próprias do velho mundo? Somos a comunidade da reconciliação ou ainda seguimos escravos dos critérios divisionistas do mundo velho com suas muralhas intransponíveis?

— **Cristo cria um mundo de liberdade:** Até que ponto estamos vivendo dentro do mundo nôvo, alcançando a libertação das cadeias das tradições, das coisas convencionais, dos rudimentos do mundo, que não nos permitem seguir servindo a Cristo dentro das novas situações humanas? Se isso não acontece conosco quais são os pontos de tensão entre os nossos antigos caminhos e os novos caminhos dentro do caminho nôvo que é Cristo?

— **Cristo cria um mundo de paz:** Ele é o nosso "shalom". Até que ponto vivemos no seu mundo que sua mensagem nos equipa a nos sobrepor aos preconceitos, ao ódio, ao egoísmo e sua violência? Ou, ao contrário, nós também nos rendemos a esses males? A paz é missionária e ela acontece exatamente onde incidem as mais doloridas feridas do mundo. Vivemos nós dentro desse mundo de Cristo tão plenamente que somos promotores dessa paz, ou vivemos nos protegendo a nós mesmos pela fuga constante aos problemas da humanidade?

— **Cristo cria um mundo de justiça:** A justiça não é só a base do seu trono, mas é a direção do seu reino. Não é só o vocábulo mais freqüentemente nas pá-

ginas das Escrituras, mas é a prioridade da missão do seu povo entre as nações. A justiça de Deus declara a prioridade do homem e suas necessidades sobre qualquer sistema. Até que ponto é verdade que a causa da justiça não tem nem feito parte da agenda de nossas orações, de nossa vida pessoal e litúrgica?

— **Cristo cria um mundo de esperança:** Até onde vivemos em sua esperança viva que tenhamos sido libertados tanto do pessimismo como do otimismo do velho mundo? Será que nossa esperança começa e termina simplesmente em nossas vidas e igrejas particulares, ou ela está voltada basicamente para os outros? Nossa esperança é realmente o Cristo que venceu a morte ou ela se resume numa projeção nostálgica de nossas frustrações em direção de um fruto incerto e de um céu longínquo e alienante? Até que ponto nossa esperança nos enche do senso de responsabilidade pelo presente? Ou, estamos ainda no velho tempo, em que a noção de uma falsa esperança afastava os homens de sua responsabilidade presente?

B) Qual é a relação entre o "nôvo" e o "atual?"

A Igreja tem uma longa história, tão longa que nos permite olhar retrospectivamente. Talvez por isso é que ela usa de formas de pensamento e estruturas de vida que não têm muito sentido no mundo atual. O apêgo da Igreja às formas dá impressão de que ela aceita a ideologia que ensina a "eternidade das formas" (conforme filosofia de Aristóteles). É por demais impressionante notar-se

como os cristãos se negam à revisão de suas formas! Pode-se até dizer, infelizmente, que há uma atmosfera de oposição e de resistência a todos os sinais de atualização, ao que é moderno, ao que é novo. Amam-se e defendem-se as antigas formas, a despeito de sua completa inadequação ao presente.

Que lições os reformadores e também Wesley terão para nós na discussão das relações entre o "novo" e o "atual?" Entre a exigência de transformações e o aprisionamento ao passado tradicional?

Mas, é o "novo" exatamente igual ao "atual?" Claro que não. A parábola não coloca o moderno simplesmente em oposição ao antigo. Se temos aprendido a lição das imagens do pano novo e do vinho novo, podemos afirmar que o Evangelho coloca o velho mundo com centro falso em face de um novo mundo com seu verdadeiro centro em que Deus é o Senhor e reina como Senhor. Jesus tornou-se um membro da ordem das coisas existentes em sua época. Não pretendeu destruir as estruturas religiosas de Israel. Ele trata de um "novo tempo" num sentido muito mais profundo. O novo mundo inaugurado em Cristo nos torna livres do passado para nos colocarmos em dia; mas, ao mesmo tempo, nos torna livres para aceitar as coisas como elas são, com todo o realismo.

Um exemplo: A PARÁBOLA que temos estudado vem no texto precedida de um acontecimento que esclarece sua significação. Os discípulos não observam como os de João as leis do jejum. Isso não era uma prova de sua falta de sinceridade?

Jesus, entretanto, recusa essa conclusão. Ele não se opõe ao jejum como tal. Ele sabia do seu valor pessoalmente. Os discípulos de João não estavam fazendo nada errado ao defenderem o jejum e jejuarem. Contudo, sua própria pergunta mostrava que não haviam compreendido o significado da presença de Jesus Cristo e sua missão no mundo. O tempo da salvação havia chegado. Este tempo — kairós — é o tempo da celebração, do regozijo ante o rosto do Deus Salvador presente! Por que sentir-se na obrigação de jejuar, como se estivessemos sem Ele no mundo? Quem jejua quando Cristo está presente, é exatamente como quem acende uma lamparina diante de um poderoso farol. Jesus nos chama ao regozijo dentro do novo mundo que ele inaugurou.

Uma advertência: Naturalmente, o tempo da salvação não chegou de tal forma que tenha feito cessar os efeitos da distância que tem separado o homem de Deus. Jesus mesmo teria que sucumbir sob o poder do velho mundo e suas hostes. Seus discípulos igualmente teriam que suportar lutas que abalariam sua fé, sua esperança, e sua alegria; nestas horas de luta, o jejum volta a ter sua significação, será útil; ajudará a que se sobreponham aos perigos da desolação e da indulgência própria. Assim, o jejum não será sinal de que vivem no velho mundo. Sabem que o novo mundo já amanheceu e jejuam porque estão prontos a pagar o preço dessa fé. A nova vida vivida dentro do novo mundo nada tem de "vida triunfante". Enquanto estiver dentro dos limites da história, será vivida sob o signo da cruz. São as bem-

aventuranças (Mateus 5) que mostram com grande clareza essa realidade: pobreza, arrependimento, humildade, interesse social, paixão pela justiça, compaixão e compromisso constante e ministério da reconciliação — indicam os sinais da nova vida. Elas mostram exatamente quais as tensões entre o presente e o futuro. Como cristãos precisamos viver essa nova vida dentro de um mundo que ainda se opõe a ela.

II — O MUNDO COMO UM CONCEITO BÍBLICO

Não é verdade que existe uma série considerável de textos bíblicos mostrando que a relação da fé cristã com o mundo há de ser de completa hostilidade?

Temos aí uma pergunta muito séria e que merece uma resposta não menos séria. Vamos tentar algumas reflexões para ajudar-nos na compreensão desse problema de tão real interesse para os cristãos nos dias atuais.

Começarei por afirmar que no Novo Testamento, “mundo” não é um conceito. Quem pensar que resolveu esta questão meramente citando alguns versículos bíblicos nos quais se pode ler a palavra **mundo**, apenas mostra que simplificou demais o problema da exegese do Novo Testamento. A coisa não é tão simples como gostaríamos que fôsse. Tome-se, por exemplo, o texto em Gálatas 1.4. Lemos nele que nosso Senhor Jesus Cristo “deu-se a si mesmo por nossos pecados e para nos libertar do presente século maligno”. Se interpretamos a expressão bíblica “século” como se tratando

do termo “mundo” de nossa língua conforme aparece em algumas versões brasileiras — temos que enfrentar duas implicações muito grandes:

— a primeira é que a totalidade do mundo, sem excetuar-se coisa alguma, é má;

— a segunda é que a esperança do cristão e seu dever consiste unicamente em ser retirado o quanto antes possível do mundo. Aliás, estas conclusões têm representado, posições assumidas por grande número de cristãos em todos os tempos. Entretanto, o texto citado se traduz assim: “para libertar-nos da presente idade má”. Além disso, temos que nos lembrar de que o apóstolo Paulo está sempre mostrando que os “justificados pela fé” vivem como participantes de uma que é vida do “tempo vindouro” (zoe aionios), a vida em Cristo (Rom. 6.23, etc.), (II Cor. 4.10-11, etc.), mas que tal qualidade de vida nova é vida dentro do mundo!

Por outro lado, temos que saber que não podemos simplificar a questão da interpretação bíblica concentrando-nos no texto grego e fazendo o exame das palavras em si mesmas. Pois a palavra grega assim como as palavras das outras línguas, apresentam mais de um significado. Por exemplo, a palavra “mundo” que os preocupa agora — **kosmos** no grego — apresenta, nada menos do que quatro significados distintos no Novo Testamento. E, em cada caso, o significado não está na palavra em si, mas na situação em que ela é usada. Vejamos alguns exemplos:

1 — O primeiro significado do vocábulo **kosmos** pode ser encontrado num texto em I Pedro 3.3. Ele significa “adorno” pessoal, e nessa significação aparece como “enfeite” utilizado pela mulher nos cabelos. Em português conhecemos a expressão “cosmético” de tão freqüente uso.

2 — Um segundo significado encontramos na noção de universo, como a soma total das coisas criadas. Agora, em tal sentido, é preciso dizer-se que **kosmos** aparece como “criação do verbo de Deus” (Jo. 1 etc.), e, em tal sentido, o mundo é fundamentalmente bom. Neste sentido, o cristão não tem a possibilidade de adotar uma atitude de hostilidade para com o mundo, a criação da Palavra de Deus. Aliás, era essa a atitude dos gregos gnósticos nos tempos de Paulo, como também era a atitude dos maniqueus.

3 — Um terceiro significado de **kosmos** é o de “mundo habitado”. Assim por exemplo, Paulo se refere ao fato de que a “fé dos cristãos era divulgada em todo o mundo” (Rom. 1.8). Aqui, novamente, é preciso que se diga, que, ainda que muitos cristãos se negam ao convívio humano, não se pode tomar o apóstolo Paulo que trabalhava no mundo como “fabricante de tendas” para apoiar ou justificar o afastamento do cristão das atividades do mundo.

4 — O outro significado de **kosmos** nos leva ao coração do problema colocado na pergunta inicial dessa discussão. Este significado é extraído da leitura superficial de versículos como I Jo. 5.19, feita assim: “o mundo inteiro está no maligno”; ou de textos como o que lê em Tia-

go 1.27 — “guardar-se a si mesmo livre da corrupção do mundo”. Como se vê uma leitura superficial dos referidos textos leva à conclusão de que o mundo não presta. Entretanto, a que se refere aqui a palavra **kosmos**? Note-se que o primeiro caso o texto diz que o “mundo está debaixo do maligno”, isto é, **sob o maligno**. O texto não afirma que o **kosmos** é mau. A palavra **kosmos** aqui indica que existe uma falsa superposição de ordem no mundo, isto quer dizer que o mundo está em desordem. A palavra **kosmos** aqui significa “sistemas” como uma “ordem de coisas” contra a verdadeira ordem de Deus referia-se o Novo Testamento ao sistema organizado do paganismo que era contra Deus. Temos que perguntar o que é que este versículo e outros semelhantes a ele significam quando lidos à luz do contexto histórico em que foram escritos? Os estudos especializados do Dr. C. H. Dodd, sobre as cartas joaninas, mostram que a palavra “kosmos” nessas epístolas nunca se refere ao universo criado, nem à raça humana, como tal, mas ao tipo de sociedade humana organizada sob o império do maligno. Evidente que, em tal situação, a atitude cristã é a de resistência a tal sociedade em sua forma de organização. Esta é a aparência transitória do mundo de que trata o apóstolo Paulo (I Cor. 7.31), isto é, que a ordem imposta no presente sobre a sociedade não é a pauta da vontade de Deus e dos seus propósitos para os homens. Portanto, em tal situação, com penetração profética da fé cristã, o apóstolo declarava que tal estado de coisas deve ser e será mudado, será transformado: o reino das trevas seria substituído pelo reino da luz.

A luz dessas reflexões somos conduzidos à conclusão de que, hoje como outrora, os cristãos necessitam discernir a situação em que se encontram para atuarem responsabilmente como cristãos.

Temos que nos lembrar que o abismo entre a "verdadeira ordem", criada por Deus, e a "desordem imperante no mundo", era tão grande que os cristãos se constituíram numa "sociedade ilegal", fora da lei, pois, de fato, eles estavam debaixo de outra ordem que não era a do "status quo" dominante naquele velho mundo. A Igreja Cristã era uma sociedade que buscava seus membros entre os expulsos da sinagoga, os enfermos, os pobres, os escravos e condenados na sociedade dominante.

Hoje, não existe mais aquela visão medieval do mundo. Até o século XVII os homens viveram dentro de uma noção de um mundo fixo, estável, tendo um confortável horizonte de um "kosmos" mensurável e ordenado, conforme as categorias filosóficas de Platão e Aristóteles. Hoje, como a revolução científica, aquela visão do mundo está sepultada. Hoje o mundo se experimenta como história, como processo histórico, como transição marcada por uma constelação de acontecimentos que se debruçam violentamente sobre o homem numa assustadora rapidez. Parece-nos que esse processo de mudança constante, de permanente transformação, não deveria consistir surpresa alguma para os que sabem algo sobre a ação de Deus na história. Essa ação de Deus em Jesus Cristo inaugura uma época "totalmente nova", introduzindo um novo começo na história em forma dinâmica tem dois aspectos: "coisas velhas são passadas e tudo

se faz novo"; isto é, algo já aconteceu e algo está acontecendo (II Cor. 5.17). Assim, ao contrário de se colocar contra as mudanças, o homem de fé celebra nessas transformações a presença da mão de Deus preparando o futuro da humanidade (Is. 45.1-7). Isto não significa, entretanto, que todas as mudanças são operadas por Deus e são boas, nem que Deus esteja absorvido pela corrente da história. Mas, significa fazer a afirmação de fé que consiste em discernir os atos de Deus dentro dos próprios acontecimentos históricos como atos de julgamento e libertação. O evangelho não nos permite falar da preservação do mundo como ele é, e sim proclamar a sua transformação na direção dos propósitos libertadores de Deus para os homens todos.

III — O MUNDO NA PERSPECTIVA DA FÉ CRISTÃ

Qual é a forma que o mundo assume quando a fé desponta? Em outras palavras, como é que a fé cristã vê o mundo? Se entendemos corretamente a história da fé nas páginas das Escrituras, podemos afirmar que ela não é uma posição a ser defendida, não é um conjunto de conceitos doutrinários, não é uma ordem litúrgica nem um complexo de disciplinas. A fé é uma qualidade de mente, de vontade e de espírito. É uma qualidade de vida humana sempre em movimento. Não será isso que queremos dizer com a grande palavra do cristianismo — arrependimento — (metanoia no grego) — essa revolução constante da mente humana, essa contínua transformação da mente, essa constante receptividade para o que é novo, para o que há de vir? O grande exemplo bí-

blico dessa realidade nós encontramos no capítulo que conta a maravilhosa história da fé, a "novela da fé" — no capítulo 11 de Hebreus que trata dos "heróis da fé". Aquêlê capítulo se volta para o passado e trata de muitas pessoas que, "pela fé", em seu tempo, mantinham-se abertas para o futuro. Vamos fazer apenas quatro declarações para uma discussão mais aprofundada dêsse problema:

1 — O mundo é o ponto de interesses da fé cristã: O mundo em sua totalidade constitui o foco do interesse da fé cristã. A fé cristã não pode jamais afirmar que Deus amou somente a Igreja. O mundo é, na verdade, o alvo concreto do amor de Deus e, por isso, o alvo para o qual a fé converge. O mundo é o enderêço, é o enderêço para o qual se dirige alguém quando a fé cristã desponta. Sempre que a fé desponta ou é renovada, o mundo se torna o local de missão. Tudo o que o mundo nos traz, por mais duro que seja ou que pareça, é recebido como auspicioso pela fé. Está dentro do campo de interesse da fé cristã. Pois, a fé sempre se ocupa do "aqui e agora", pressionando significativamente o presente na direção do futuro.

2 — A fé conhece o mundo como êle é: Tal é o realismo da fé. A fé não tem nada de idealismo (idealismo significa ausência do senso da realidade). Ela trata as coisas como elas são e o mundo como êle se apresenta e não como gostaríamos que êle fôsse. A fé conhece o mundo como uma sucessão de dores, finitudes, lutas, frustrações, aspirações, guerras, mortes e miséria. A fé não igno-

ra e não nega os fatos, antes, ela faz com êles uma coisa estranha: a fé vira as coisas pelo avêso do que elas aparentam aos homens. O passado sempre se apresenta aos homens como fixo, símbolo de segurança, sempre conhecido e familiar; enquanto o futuro se apresenta desconhecido, perigoso, ameaçador e incerto. É precisamente nêsse ponto que a fé produz a grande inversão: o futuro passa a ser uma dádiva de vida para os homens. Isto é, a fé liberta os homens do passado e do mêdo do futuro. A fé quando olha para o passado não o faz em busca de segurança ou de tradição, mas apenas buscando exemplos de fé.

3 — A fé conhece o mundo como criação de Deus: Aqui basta dizer que a fé liberta a mente humana da escravidão da religião em seu esforço de negar a qualidade dessa criação: a fé nos diz exatamente o contrário da religião — ela afirma que o mundo por ser criação de Deus é suficiente para o cumprimento dos seus propósitos.

4 — A fé cristã permite a visão do futuro: Enquanto os sistemas religiosos vivem do mundo de ontem e no mundo que passou, temendo o futuro e lutando contra o que é nôvo, a fé cristã, pelo contrário, cria essa qualidade de mente em que o homem permanece livre para o futuro. A fé sempre se encontra em missão, em trânsito, em movimento, está sempre sendo enviada e enviando. Para a fé todos os sistemas ordenam ao homem que VÁ e não que VOLTE! Na verdade é a fé que coloca nos lábios de Deus a grande palavra da missão: "IDE POR TODO O MUNDO..."